

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

Justiças e coherencias

Teem-se succedido rapidamente taes e tantos factos offensivos das mais rudimentares noções do Direito e da Justiça, que o espirito mais reflectido e phlegmatico, não consegue apreciar-os serenamente.

Primeiro é o General Dantas Baracho arremessado para Elvas, cobardissima resposta do ministro da guerra a uma censura sua, sem que lhe valessem as suas prerogativas legaes. O mesmo que provocou a questão que motivou este castigo—o celebre Homem Christo—foi passado á inactividade por se não ter batido em duello quando desafiado para isso, por não ter mantido a honra e o decôro militar, o ministro da guerra tendo equal procedimento, mantem-se na chefatura do mesmo exercito!

Em seguida vem o infame assassinato que na vizinha Mauritania commetteu o infame Maura e seus cúmplices; sim, porque não foi só elle o assassino, e de Justiça é que isso se não esqueça.

Houve outro valor mais alto que não teve um gesto unico, que se não levantou para suster esse estúpido e revoltante crime, compartilhando assim da sua gloria.

Por fim, apparece-nos o caso do Bispo de Beja!

Desobedecendo ás ordens do poder civil que lhe paga e lhe concede as immerecidas e injustas regalias que usufrue o corpo ecclesiastico portuguez, elle, acobertado pela reacção que, segundo disse Ferreira do Amaral, se acha aninhada no Paço real, pode vencer o unico ministro que ha muitos annos merecera alguma sympathia dos liberaes portuguezes.

Mantem-se uma supposta e commoda disciplina no functionalismo militar, para se consentir que um tonsurado reaccionario atropelle a lei, a disciplina, o brio e o decôro nacionaes, respondendo como atrevido rufião da Mouraria ás perguntas do seu superior hierarchico que representava o paiz.

E quando o ministro Medeiros se mostrava resolvido a castigar o rebelde a quem pagamos e concedemos immuniidades não, ao que se vê, para nos servir e respeitar, mas para nos dominar e dar ordens, os outros seis... ministros, vamos, que o tinham apoiado, alijam o seu collega para prestar homena-

gem a quem os tinha desconsiderado.

São, indiscutivelmente, uns homens monarchicamente justos e dignos.

Votou contra o snr. ministro da justiça, aquelle ministro da guerra que castigára o General Dantas Baracho por o julgar um indisciplinado!!!

Oh! brio e decôro militares! Mas que é afinal, n'este paiz, a classe ecclesiastica, mais do que a judicial, a administrativa, a militar?

E' tudo! Porque é a senhora e possuidora do paiz.

Elles teem pingues ordenados, isenções revoltantes como a da vida militar, para que nada impeça a formação d'aquelles alentados untos que fazem as delicias das moçoilas campezinhas ou das misticas damas da alta.

E assim vão elles proprios tornando evidente aos espiritos menos esclarecidos, a necessidade de separar a igreja do estado.

Não lhes basta os ordenados que todos mesmo os acatholicos são obrigados a pagar-lhes; não lhes basta a vida regalada e amalandrada que levam, emquanto os outros moirejam; não lhes bastam os regalos que usufruem e augmentam, mas querem ainda reservar-se o direito de fazerem o que lhes appetee e de serem senhores soberanos e absolutos de todo o paiz.

Bem hajam! E vão sempre enchendo as medidas, porque nós esperamos anciosamente por o seu trasbordar.

Mas, porque já não precisam d'hypocrisias, não digam que a culpa dos nossos males é dos homens; appareceu—avis rara—um só, que quiz ainda remar contra a maré.

A onda da reacção, submergiu-o.

A culpa é dos homens? Não, digam a verdade, porque responsavel já seria indirectamente o regimen que taes homens supportasse.

A culpa é, sobretudo, do regimen.

Carvalho de Souza.

Liberaes de pechisbeque

Nós não vimos, como Nicolau Tolentino, immortalisar em satyra espirotuosa a questão do bispo, porque nos falha o ingenho, e o assumpto em si não está á altura de poema heroe-comico e pelo seu significado fica fóra do ridiculo.

Emquanto a questão se restringiu a marradas caprinas entre um bispo vaidoso, hypocrita, fanatico ou auctoritario, que se enfurece,

porque lhe não beijam a pedra do anel, e padres brigões, que não cultivam com esmero a humildade evangelica, deixou-nos indifferentes pelo principio philosophico de que ninguem se deve intrrometer em contendas de familia.

Deus, com quem estão em relações tão intimas, que o recebem todos os dias no estomago, do alto da sua omnipotencia podia rapidamente cortar a testilha, se não assistisse com gaudio ao espectáculo.

Ainda agora se vissemos simplesmente em perigo a situação de um ministro ou de um governo, e do facto nada mais resultasse do que uma crise de ministerio, total ou parcial, o nosso commentario seria um desdenhoso encolher de hombros, como quem diz «lá se avenham». Convencidos como estamos, ha muito tempo, de que dentro da monarchia todos os governos são peores, não nos interessa a sua mudança, só nos preoccupa a queda de quem os faz e desfaz.

N'esta persuasão queremos exarar aqui a illação logica, fatal, unica, que um espirito desapaixionado pôde tirar da questão mesmo a um superficial exame. Para nós já vem tarde e não seria necessaria para quem como nós ha muito se acha edificado com as bellezas do regimen, mas será util aos ultimos abencerragens da monarchia, que por ingenuidade ou obstinação inexplicavel ainda lá cabem com o seu liberalismo. Se são sinceramente liberaes e querem a liberdade mais do que ao preconceito, se são patriotas e amam o seu paiz mais do que a sua commodidade egoista, o seu interesse ou o seu rei, ouçam-nos.

A questão do bispo de Beja não é um facto isolado, nem pôde ter uma significação pessoal, isto é ser filha de um temperamento bilioso e despotico. E' de todos os bispos e do alto clero em pezo. Recalcitram hontem os de Bragança, Guarda e Braga; arregaça a dentuça tigrina agora o de Beja; amanhã levantarão todos a grimpá dominadamente. E o mais grave é que teem sahido triumphantes dos confictos, capitulando o poder civil miseravelmente. O throno cede á igreja as suas regalias, e este em troca empresta-lhe força politica, e o povo soffre o despotismo e as extorsões dos dois. O ultimo caso, porém, fez trasbordar a taça, vindo trazer a prova mais concludente do espirito reaccionario, que, por convicção ou conveniencia, satura as cellulas cerebraes da oligarchia dirigente desde o fabricante de ministerios até ao correio de ministros.

Este reinado, que começou por bater no peito um proposito de emenda a criminosos erros anteriores e tem afivelado ao rosto de todos os seus governos a mascara de liberal, alimenta e afaga a reacção, que se encarrega de lançar as cascas de laranja, onde escorregam os ministerios, quando os torna um prurido de fazer liberdade mesmo a fingir.

Ferreira do Amaral, apezar dos fuzilamentos de S. Domingos e do Rocio, apezar da romagem ridiculamente monarchista aos dominios da legião azul, cae empurrado pela descabellada calumnia de liberatos.

Ainda hoje o ultramontanismo não perdôa ao makavenko não sa-

bemos que obra liberal. Campos Henriques e Sebastião Telles não caem perante uma indicação da opinião mas tropeçam na intolerancia, que se enrosca aos pés do throno e reclama victimas, que elles não sabem achar.

Agora é lançado ás feras um ministro só porque timidamente exortou um funcionario querido a entrar dentro da lei, que lhe é favoravel e para a classe representa um privilegio.

Se isto não é a demonstração mais preempatoria de que quem domina o paiz é a reacção ultramontana e de que não poderá ser d'outro modo, emquanto existir o actual regimen, nós desistimos de a fazer, porque equivaleria á teimosia louca de quereremos dar vista a um cego de nascença.

Por este andar, ou antes desandar, regressaremos aos ominosos tempos mediévicos, ao dominio de Hildebrando, e se o nosso radioso Henrique IV será poupado ao humilhante sacrificio de ir a Canossa, descalço pela neve, implorar o perdão do papa, porque é seu aliado e protegido, iremos nós, todos os verdadeiros liberaes, que escaparem da forca, obedecer á opinião, por essas ruas, a ser açoutados pelos lacaios de qualquer Sebastião mitrado!

Pois quem manda hoje n'este paiz?! já viram que algum governo de radiosa mocidade tivesse o menor empenho em fazer obra democratica, obedecer á opinião, acompanhar o espirito moderno? querem a prova?

Ahi teem de pé a tão odiosa e odiada obra de João Franco. E' a perfida lei de imprensa, é a infame de 13 de fevereiro, é o inquisitorial juizo de instrucção. No emtanto uma penada bastaria para as eliminar! No emtanto houve um ministro, que, sincera ou constrangidamente, apresentou ao parlamento projectos substitutivos!

Mas os projectos foram para o cêsto dos papeis inuteis e o ministro cahiu...

Quem se oppôz? quem o empurrou?

A reacção, que se não contenta com as leis privilegiadas, que a favorecem, e merece tanto o favor da opinião publica, que exige leis de excepção para sua defeza.

Por culpa de quem?

De quem nomeia e demitte ministros, dissolve e convoca parlamentos.

O systema parlamentar, em que se baseia o pacto constitucional, mercê do qual o snr. D. Manoel não é um fidalgo arruinado a pelintrar no exilio, porque se senta no throno de D. João VI, o systema parlamentar, dizemos, é grosseiramente sophismado por uma lei eleitoral, de que todas as facções monarchicas se servem depois de a ter justamente appellidado de ignobil porcaria.

Já viram algum governo interessar-se pela sua remodelação, pela promulgação de outra, que garante seriamente a representação genuina da opinião?

Não. E' ainda a reacção, ajudada pelo throno, que quer afastar a fiscalisação democratica.

Por ultimo a Igreja tira a mas-

cara, arremette contra o Estado, e o Estado capitula. E' o cumulo.

* * *

D'aqui por deante ninguem terá o direito de se dizer liberal dentro da monarchia. São de uma tão flagrante evidencia os ultimos acontecimentos politicos, que não pôde haver ingenuidade, que se não convença, obstinação, que se não renda, se o espirito liberal de que se dizem possuidores, não fôr um espirito de contrabando, que quer passar ás barreiras, illudindo a vigilancia dos guardas. Persistir hoje na afirmativa de monarchico liberal será rematada cegueira mental ou refalsada hypocrisia, mas nunca um conceito lucido ou sincero. Liberalismo monarchico só de pechisbeque.

Manoel Nunes.

Comissão Municipal Republicana

Reune hoje esta comissão no centro partidario, ás 7 horas da noite, e pede-se aos seus membros que não deixem de comparecer.

O presidente,
Antonio Valente d'Almeida.

ECHOS DA SEMANA

Enfant gatée

Tomando a nuvem por Jung, et pour cause, afeimam-se os órgãos da dissidencia em espalhar que vão sair do ovo manifestações ao finado ministro Francisco Medeiros,—o tal liberal. E' possivel, que tudo pode a ignorancia—feliz estado nos bezer-rinhos. E' possivel, mas não acerta. Antes do caso bispo de Beja o ministro Medeiros revelou a medida do seu liberalismo, no jury para fidalgos e ricos, e na exclusão de jurados recaindo sobre os acatholicos. Na questão prelado bejense o ministro tarde, mal, pusilanimemente, defendeu as prerogativas do estado. A um ataque estrondoso, virulento, publico, respondeu com a mansidão de um officio anodino, particular, sollicitativo. A' reincidencia e agravamento na afronta do prelado ao poder civil, quiz retorquir com uma portaria toda cheia de almofadados macios, para não irritar as suscetibilidades beatas do bispo Sebastião.

Os colegas fartos de tal liberal empurraram-o, e o snr. Medeiros, que enguliu quanto pode e em quanto pode, acomodado como um lapuz, ao sair, agora, do ministerio nada tem que pedir á opinião publica. Urje que ela se manifeste, energica, decidida—da Suissa, da Italia, por toda a parte o monstro vijiado com nunca uzadas cautelas; por toda a parte isolado com nunca vistos recursos... E' aquilo o Czar da Russia, apenas abraçado pelos seus irmãos, os reinantes, mas tão odiado de todos os homens, tão repellido por toda a terra que em toda a parte é—o flajelo. Já, embora pouco, é

alguma couza, como castigo. O grande carrasco... O grande assassino...

Encravada

E' como pode dizer-se da guerra da Espanha barbara com o equivalente do Riff. Vale já cem milhões de pezetas idos em gloria e em fumo, e anda por uns milhares de vidas, perdidos. Hade custar mais, n'uma e noutra verba, para castigo d'aquelles selvagens ferinos que deificam toureiros bestas e fusilam inermes e illustres educadores. Que *civilisar los rifenhos* não é tão facil como espingardear em Montjuich; nem como trinar a *alma de Dios*.

A Cruzada

Não ha que vêr—o estado civil é, em toda a linha, batido. O bispo de Beja ajudado de Deus e das luzes do Espirito Santo venceu a mente, mas não tomando por cabeçalho um ministro que não foi outra coisa mais que um misero pao de dois bicos. Mais longe e mais alto, deixando a dissidencia no officio—lamber a fralda ao ministro.

Maura

Retiram aos cuidados do ostracismo o assassino ezeorando, e contam as folhas mundiaes a alegria da Espanha por subir ao poder *el gran liberal* Moret. Entretanto, Moret como maquina desconjuntada, a poucos passos cairá de bordo, e o dileto de Deus e dos *frailes* voltará ao poder amado, apoz uns mezes de sueto. Isto apostando dobrado contra sinjelo e sem sibilinos entendimentos. E' o que dá aquella Espanha, aos pobres lunaticos que ainda a crêem capaz de libertação e juizo.

Entre baionetas

E entre espíões e artilheria e ciclistas militares, com todas as precauções do terror e da vezania; como uma fera ou como a colera que é preciso izolar dos homens, das cidades, das casas, da terra, do proprio ar respiravel... Só assim. Atravez da Alemanha, da França, batalha contra o temporal endomoinhado, e já em trom e em som de guerra se lhe segue novo caudilho. Este é o primaz de Braga, nomeando como senhor, dono, chefe, para o seu seminario a dois doutores «em Roma formados».

Nada temos que admirar. A lei diz-nos que isso é uma infracção, um atentado, mas a lei foi feita pa-

ra servir de capacho aos gloriosos principes da igreja.

Os de Beja e Braga, como mais autorizados, deram o evangelico e doce ezemplo, que é bom os confrades sigam. Propriedade da igreja, isto deve sê-lo não só de nome, mas pelo facto. Quem quer não se enfeite com o designativo de «fidelissimo». E não afirme no vazo de despejos da «carta» que «a religião do estado é a catolica, apostolica, romana». Ou não?...

O bloco

Cá o temos, ora, na berra, de peruca vermelha e jesto pimpão. Escorraçado do governo pela queda do malogrado Medeiros, ameaçado de perder as autoridades administrativas que, como vedetas, tinha anichadas aqui e alem, o bloco prepara-se para derrubar monsenhor Wenceslau sacrista. Prepara-se de manga arregaçada, e com aquele seu jesto fero, dizendo já no «Jaineiro» que hade apanhar o podêr. O podêr—essa esquivia conquista, que até hoje faz negativas ao Alpoim e ao Teixeira de Souza! O poder, essa iluzão de que enferma esse malaventurado lunatico que dá pelo nome de Julio de Vilhena!

O podêr para mandar, anichar, fazer, desfazer, compôr, rasgar... Os pobres homens! Hão-de conquistar-o, parece-lhes. Pois é conforme. Hão-de se lhe submeter se lho derem. E sabido é quem o dá—quem conquista...

Acordos

A proposito da viagem do czar á Italia alargam-se as folhas da peninsula em falatorios sem conta, e em pateticos... sem conto.

Que uma aliança ha rezolvida: França, Russia, Inglaterra, Italia, as quatro nações achegadas como amiguinhos colejiaes. Que essa aliança é sacramental—é para dar paz ao mundo, embora com vista á Austria e á sua aliada, a Alemanha. E socegum esses dois povos—diz a imprensa romana—confiem nas intenções pacifistas das esquadras e dos exercitos unidos... E' boa a trôça. Que o alemão está dormindo e o Austriaco esse—nem bole. Não ha duvida:—a paz é um sonho.

Escolas

Segundo lêmos no «Jornal d'Ovar» travada está accesa lucta entre o collega e um *quidam* por cauza da *cêra*.

Primeiro declaramos que nada temos nem queremos ter com essa questão de a *cêra* que por sêr muita, hade *queimar a igreja*.

Só lhe gabamos a pachôrra e nos convencemos de que o collega ignora que ha vezes que não chegam aos céus.

Se não ignorasse isto, já ha muito não respondia.

Mas interessa-nos a parte em que o collega affirma, como já mais vezes tem feito, e nós tambem, que a professora da escola *agricola* sallesiana não sabe lêr, o que é a rigorosa expressão da verdade.

Como o é tambem o dizêr que ella atrophia o cerebro das creanças e desconhece os mais elementares processos d'ensino.

Mas que quer, collega? O exemplo vem do alto.

Precisamente na mesma está a escola do sexo masculino do Legado Ferrer, por culpa da camara administradora d'esse legado.

Ora vê?

ARA

As Mondadeiras

Por entre os trigos as mondadeiras enchem as varzeas de cantorias. Herva daminha que bem que cheiras! Nasces e afrontas as sementeiras e é só por isso que não te crias.

As mondadeiras andam nas mondas, de rego em rego, sempre a cantar, troncos curvados, ancas redondas, braços roliços e o peito ás ondas que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes, alegres ranchos de raparigas, —ô mocidade tu nunca mentes!— como as cigarras andam contentes, mas trabalhando como as formigas.

Ranchos alegres mondando as searas que rico assumpto para os pintores! Lembram vistosos bandos de araras: saias, roupinhas de chitas claras, chapéus redondos, lenços de côres.

Desde o sol fora que andam n'aquella faina constante pelos trigas; ô mondadeiras tende cautela, que o parasita que se debella, se escapa cresce cada vez mais!

E' necessario que o trigo venha, de palha grossa, de espiga cheia, e, quando cahia na mó da azenha, não seja o caso que ás vezes tenha joio ou mistura de grãos de aveia.

Dias ridentes de primavera, fecundos dias para a lavoura! A natureza se retempera na farta seiva que as plantas jera, no sol profuso que os campos doira.

Voam abelhas picando os ares, em torno ao freixo que as inebria: nos tendas leves, retangulares, nêdros carneiros, aos centenaes, são desnudados pela tosquia.

E as mondadeiras, sempre mondando, porque o trabalho não as enerva, põem-se a prumo de quando em quando, erguendo os braços e carregando sobre as cabeças molhadas de herva.

A tarde morre tranquilamente: na freguezia soam trindades; penetra as coisas e invade a gente como uma benção de paz clemente, que vae cahindo sobre as herdades.

E' já sol posto. Ao longe as notas jemem na rega dos laranjeas. O' agua clara penso que choras e te lamentas horas e horas, porque alto sóbes e d'alto caes!

E as mondadeiras voltam das mondas, sachola ao hombro, sempre a cantar; bustos erectos, ancas redondas, braços roliços e o peito ás ondas que não se quebram como as do mar.

Conde de Monsaraz.

A MISERICORDIA

Se não fóra sabermos, que os estatutos da futura Misericordia teem estado presos no Governo Civil e só em principios d'este mez baixaram para alterações, se não fóra a desculpa dos mezes de ferias, dados ao descanso e ao prazer, não saberiamos explicar o silencio, em que cahiu uma instituição, cujo projecto despertou tanto entusiasmo e da qual tantos fructos esperamos todos. ricos e pobres validos e invalidos.

Não queremos crêr que esteja feito tudo por parte das commissões de angariamento, e muito menos, porque conhecemos os cavalheiros, que d'ellas fazem parte, que arrefecesse o seu ardor na santa cruzada, a que se votaram com verdadeiro denodo. A razão deve ser justa.

Ovar é digna da instituição e a nossa sociedade ha-de mostrar-se á altura de a implantar.

Pela nossa parte e por mais d'uma vez temos aqui demonstrado quanta sympathia a obra nos merece. Interessa-nos tanto ou tão pouco, que estamos dentro d'ella á vontade apesar de a orientar uma confissão, que não é a nossa.

E' não esmorecer que está por fazer o principal. Seria uma vergonha, que uma terra tão rica e tão populosa, de gente tão activa e tão emprehendedora, sossobre perante uma empreza, que as suas visinhas, mais pobres e menos importantes, veem realisadas ha muitos annos. Nem isto passa de mera hypothese

de imaginação receiosa, que nada justifica e que felizmente não varemos realisada.

Entrou agora a epocha do trabalho, e não é dos menos remuneradores, aquelle que se faz no exercicio sacrosanto da caridade.

A' obra, pois, e contem conosco.

COMO OS MARTIRES MORREM

Todos os jornaes espanhoses, falando da execução da vitima da jesuitica monarchia hespanhola, confirmam que Ferrer recusou, ao encaminhar-se para a capela ardente, o auxilio das pessoas que lhe ofereciam o braço, marchando só e com a sua habitual altivez, entre os soldados; que emquanto ditava o seu testamento, varias vezes manifestou votos de que os soldados não vacillassem e apontassem com firmeza e serenidade; que se recusou a confessar-se despedindo-se cortezmente do padre que se lhe apresentára e virando-lhe as costas para não mais se occupar d'elle; que marchou para o fosso de Montjuich sem mostrar desfalecimento algum, e com a mesma imperturbavel firmeza se collocou no sitio em que ia ser assassinado; que pediu que o fustillassem de pé e de frente e ao tempo em que lhe vendavam os olhos gritou com voz firme:—«Viva a Escola Moderna!»

Nem um só momento, pois, aquella limpida consciencia deixou de estar em paz consigo proprio.

Ai, dos assassinos!

Suplica de filha: reija «clemencia»...

A 11, ante-vespera do fusilamento, Paz Ferrer, filha do venerando pedagogista, de Paris, a Affonso XIII endereçava o telegrama seguinte, de uma amarissima e lancinante eloquencia, de uma candura enternecedora.

«A S. M. o rei de Hespanha, Madrid.

«Rei christianissimo, que para um povo cavalheiresco symbolisaes a generosidade e a omnipotencia, attendei a humilde e ardente supplica da filha de Ferrer.

«Oh rei que, como o proprio Deus, podeis dispôr da vida ou da morte, dissipae, por um impulso do vosso nobre coração, a amargura da minha alma e escutae a humilde e ardente supplica da filha de Ferrer.

Paz Ferrer.

(30) FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

XI

O Torquato, antes de entrar em casa, foi á residencia. Ia mysterioso, circumvagava uns olhares cautelosos:—se n'nguem o ouviria?—perguntava ao abbade Marcos.

E o abbade, entrepondo as cangalhas nas paginas do breviario,—pôde fallar que estou sósinho. Que é?

—D. Miguel I está em Portugal—disse, curvando-se-lhe ao ouvido, com uma voz guttural.

—Você que me diz?! Como sabe isso? Pataratas!

—Chego agora do Porto; estive com o escrivão fidalgo, o Ferreira Rangel e com o abbade Gonçalo Christovão. El-rei está n'esta provincia. Desconfia-se que é em Braga, e o José Alvo Balsemão disse me que talvez eu o visse brevemente no nosso conselho, porque o levantamento hade começar por aqui.

—Que me diz você, amigo Torquato?—sacudia os braços, fazia estalar os dedos muito, como castanholas, tinha gestos mudos de exultação extatica—que ia escrever ao abbade de Priscos, que indagasse, que apparecesse...—E' preciso trabalhar, preparar os animos... —Chiton!—acudiu o Nunes com

o dedo a prumo sobre o nariz. Nada de espalhafato! Não ferva em pouca agua, abbade. Se dêr á lingua, esbarronda-se o negocio. O rei só hade apparecer aos seus amigos quando os generaes entrarem pela Galizia. Não falla a ninguem; não se dá a conhecer. Diz que só fallará em Lisboa com o conde de Pombeiro e com o Bobadella, e no Porto com o José Antonio, o morgado do Bom Jardim, e mais com o padre Luiz do Torrão... O abbade conhece.

—Pois não conheço? como as minhas mãos, é o vicê rei nas provincias do norte... o nosso bom padre Luiz de Souza que pelos modos está nomeado patriarcha de Lisboa... Que pechicha, heim?

—E' esse mesmo... Bem! até logo; vou vêr a mulher e os filhos a casa, que ainda lá não fui. Um abraço, amigo abbade! Parabens! A choldra vae cahir! Vida nova! D'aqui a um mez está todo esse Munho em armas, e el rei á frente dos seus vassallos. Outro abraço, e viva el-rei!

Lagrimas jubilosas, como contas de vidro sujas, tremelusiavam nas palpebras inflamadas do abbade.

—Jante comigo, Nunes, jante comigo! Vai-se abrir uma de 1815, á saude d'el-rei!

—Parece que me estoura a pelle! Não estou em mim!—Que ia vêr a mulher e que voltava já.

Na noite de sabbado para domingo de carnaval, o Verissimo pernottou na Povoia de Lanhoso, na estalagem do Rêlhas.

Disse ao estalajadeiro que era de

longe e andava a viajar pela provincia. Perguntou se por ali não se festejava o entrudo. O bodegueiro informou que na Povoia havia guerra de laranjadas e ás vezes pancadaria de senhor Deus misericordia; mas que na freguezia de Calvos havia comedias nos trez dias de entrudo, por signal que o seu filho, um barbaro que ali estava, com uma carra angulosa muito alvar, fazia de namorado no *Medico fingido* um entremez coisa rica, que era de um homem malhar de costas n'aquelle chão a rir—que se elle quizesse vêr as comedias, podia ir com o seu rapaz, que lhe arranjava lá uma cadeira de casa do abbade.

O scenario para a representação do *Medico fingido* arranjou-se na eira do Gonçalves, muito espaçosa e ageitada, porque as figuras entravam e saham, conforme a rubrica, do palheiro que tinha trez portas. O palco, barrado de fresco, ainda humido, estava ao abrigo de cobertas de chita alinhavadas umas nas outras, retezadas nas pontas por postes de pinho que rematavam em forquilhas para receberem uns varaes lançados transversalmente. Havia dous mastros de castanheiro descascados, afestoados de buxos, alecrim e camelias, coroados de bandeiras esburacadas. Parte dos mastros tinha uma listra em zig-zag pintada a zargão que se ia espiralando pelo pau acima, com cercadura de cruzinhas:—era obra do Chêta, um trôlha inspirado que já tinha

pintado um painel das *Alminhas*, onde havia almas do sexo fraco com grandes têtas lambidas por lavaredas, e um rei coroado com a bôca aberta no acto de berrar queimado, e tamanha bôca que só cedia á de um bispo mitrado, muito impertigado, com o seu baculo. O trôlha ensaiara o entremez, e não entrava, porque lhe tinha morrido o pai, havia quinze dias, contava elle a um senhor de fóra desconhecido que tinha viulo com o *galan*, o filho do estalajadeiro da Povoia.

O Verissimo foi admittido aos camarins onde estavam sentados em caixas de milho e na salgadeira, os figurantes á espera da sua vez, já vestidos. Viam-se os personagens do entremez. *Mathilde*, amante de *Almenio*, uma ingenua, a protagonista da peça, a *doente namorada*, que levou o pai a trazer-lhe a casa o amante, o *medico fingido*. Este papel fóra confiado a um latagão official de carpinteiro, com os pulsos cabelludos e os nós dos dedos com umas protuberancias callosas que pareciam castanhas piladas antigas. Nas maçãs do rosto mascarrára duas zonas de carmin, que pareciam a distancia umas chagas de mendigo de romaria aperfeiçoadas. Trajava um vestido de setim branco da fidalga velha de R'o Caldo, feito em Braga aos annos de D. João VI. O peito chato do carpinteiro ficava á altura dos quadris da fidalga, e as clavículas espivavam as hombreiras do corpête, prendendo os movimen-

tos ao desgraçado *Mathilde*. Posto que a scena fosse a *Casa de Astolfo*, pai da *doente fingida*, a velhaca estava de chapéu de palhinha com enormes telha enconchada e plumas brancas muito amarellecidas do mofô. O vestido era lhe curto, mas lucravam com isso as pernas que se deixavam vêr até cima do jarrete, cingidas de fitas cruzadas que subiam d'uns sapatos de duraque sem tacões, feitos de proposito e em concordancia com os angulos reatantes e salientes dos pés. Era o grotesco do horror. A creada de *Mathilde*, a *Laberca*, tambem vestia de setim azul-ferrete, um pouco menos antigo, emprestimo das senhoras de S. Crau, que o assoalhavam de vez em quando para os entremezes. Não tinha chapéu nem sapatos de duraque: obedecia mais á caracterisação natural. Na cabeça usava touca de folhos com laços de fita escarlate e nos pés os botes do amo com ponteira de verniz; elle era o creado do juiz de direito substituto; gosava creditos de representar papeis de lacaia fazendo rebentar a gente.

O Verissimo fez os seus cumprimentos ás duas damas, e manteve uma seriedade verdadeiramente real. O *Almenio* era o filho do estalajadeiro da Povoia de Lanhoso, o *Rêlhas*. Calças brancas, quinzena de veludilho, uma bengala de castão de prata, chapéu branco de castor e oculos. Disse ao Verissimo que punha os oculos para fingir de medico. Estava a um canto o gallego, o *Gonçalo*, aguadeiro da casa.

Esperando, horas apoz, a sua confiança infantil e religiosa na magnanimidade real tinha a resposta sinistra.

S. Magestade achava-se excelente, e entendia que era merecido, á filha do ancião nobilissimo, dar-lhe a satisfação seca e falmipadora do fusilamento, do assassinato, do confisco!

A Afonso XIII, apelando para a sua magnanimidade de joven, de reinante, de homem moderno; de Paris, de Londres, de toda a parte, a telegrafia levou invocações eloquentes, vividas, pedindo a rejta clemencia.

Assinadas por notabilidades da politica, do jornalismo, da ciencia, do professorado, da literatura; cobertas dos melhores e dos maiores nomes que conta o mando europeu.

A resposta... era o estrujir da fuzilaria, era o assassinato, era o roubo.

Até aqui o tripudio da iniquidade. Agora—a vez da justiça!

COMUNISMO

Somos ricos nas nossas sociedades civilizadas. Porque pois em volta de nós a miseria?

Porque o trabalho penoso, embrutecedor das massas?

Porque a falta de segurança do dia seguinte, ainda para o trabalhador melhor retribuido, no meio das riquezas herdadas do passado e apesar dos poderosos meios de produção que a todos dariam a abatança, a troco de algumas horas de trabalho diario?

Os socialistas tem-no dito e redito á sociedade. Repetem-no, demonstram-no todos os dias, com argumentos tomados em todas as ciencias.

Porque, tudo o que é necessario á produção:—o sólo, as minas, as maquinas, as vias de comunicação, o alimento, o abrigo, a educação, o saber—tudo foi abarcado por alguns no curso desta longa historia de pilhagem, de ezodos, de guerras, de ignorancia e de oppressões, que a humanidade viveu antes de ter aprendido a domar as forças da natureza.

Porque, prevalecendo-se de pretensos direitos adquiridos no passado apropriam-se, hoje, dos dois terços dos produtos do lavôr humano que entregam ao desperdicio mais insensato e escandalozo; porque, tendo reduzido as massas a não terem deante de si com que subsistir um mez ou sequer oito dias, não permitem ao homem trabalhar senão quando anua a deixar-lhes a parte do leão; porque lhe impedem a produção d'aquilo que ele carece, e forçam-no a produzir não o necessario aos outros, mas o que promete mais beneficios ao explorador.

Todo o socialismo está nisso. Eis efetivamente um paiz civilizado. As florestas que outr'ora o cobria foram desbastadas, ezaustos os bregos, saneado o clima: tornou-se habitavel.

O sólo, que antigamente não produzia senãoervas grosseiras, fornece hoje ricas messes.

Os rochedos, que alcandoravam os vales do meio dia, cortam-nos socalcos por onde trepa a vinha de doirado fructo.

Plantas selvagens que outrora não davam senão um fructo acerbo, foram transformadas, por sucessivas culturas, em legumes suculentos, em arvores carregadas de fructos de apreço.

Milhares de estradas a macdam e caminhos de ferro sulcam a terra, perfuram as montanhas; a locomotiva silva nas selvaticas gargantas do Caucazo, dos Alpes, do Himalaia. Os rios tornaram-se navegaveis, as costas sondadas e cuidadosamente indicadas são de acesso facil, portos artificiaes cavados e protegidos, penozamente, contra os furores oceanicos, dão refugio aos navios. Poços profundos furam as rochas, estendem-se labirintos subterraneos

Centro Escolar Republicano de Ovar

Até ao proximo dia 30 do corrente aceita-se na sede do Centro a inscrição de matricula de alunos para os dois cursos gratuitos de instrução primaria—diurno para creanças e noturno para adultos—cursos que funcionarão n'este Centro rejidos por professor da Associação das Escolas Moveis pelo Metodo de João de Deus.

Podem, ainda, as pessoas que desejem matricular-se declarar-o, ao signatario, e aos cidadãos Manoel Augusto Nunes Branco e Fernando Artur Pereira.

O secretario da Direção,
LUIZ FERREIRA NEVES.

de galerias onde ha carvão para extrahir, minerio para colher.

Em todos os pontos de cruzamento de estradas surjem e crescem cidades, e nos seus recintos encontram-se todos os tezouros da industria, da arte, da ciencia.

Gerações inteiras, nascidas e mortas na miseria, oprimidas e maltratadas por seus senhores—extenuadas de trabalho, não lega, do esta herança imensa ao decimo nono seculo.

Durante milhares de annos milhões de homens trabalharam em desbatar os bosques, ezaurir os pantanos, abrir caminhos, pôr diques aos rios. Cada hectare de terreno lavrado na Europa, tem sido regado com o suor de muitas raças, cada estrada é uma historia de impostos, de trabalho sobrehumano, de sofrimentos do povo.

Cada legua de via ferrea, cada metro de tunel, receberam a sua parcela de sangue humano. Os poços das minas ainda conservam, vividos, os entalhes feitos na rocha pelo braço do cavador. De poste a poste, as galerias subterraneas podem assinalar-se por um tumulo de mineiro arrebatado no vigor dos annos pelo gristú, pelo desabamento ou a inundação, e, sabe-se quantas lagrimas, privações, miserias sem nome, custou cada um desses tumulos á familia que vivia do magro salario do homem enterrado nos escombros. As cidades, unidas entre si por cinturas de ferro e linhas de navegação, são organismos secularissimos.

Cavae-lhes o solo e lá encontrareis as fiadas sobrepostas de ruas, de casas, de teatros, de arenas, de edificios publicos. Aprofundai-lhes a historia, e vereis como a civilização da cidade, a sua industria, o seu jenio, tem lentamente crescido e amadurecido pelo concurso de todos os habitantes, antes de tornarem-se o que hoje são.

Mais ainda, o valor de cada casa, cada estabelecimento, cada fabrica, cada armazem, é feito do trabalho acumulado de milhões de trabalhadores sepultados sob a terra; valor que sómente mantem o esforço de lejiões de homens que habitam um ponto do globo: cada um dos atomos do que chamamos a riqueza das nações não adquire o seu prestimo senão pelo facto de ser parte de um imenso todo.

Que valeria uma doca de Londres ou um armazem de Paris, se não estivessem situados nesses grandes centros do commercio?

Continúa. Kropotkine.

CHRONICA AGRICOLA

LIV O VINAGRE

Quando, na chronica anterior, falei dos processos rapidos do seu fabrico, disse que o liquido devia passar 2 ou 3 vezes por a vasilha preparada para o fabricar e por erro typographico lê-se «2 ou 3 mezes» o que passaria o processo de rapido a lento e bem lento.

Feita a rectificação, aliás bem necessaria, continuarei a tratar do assumpto.

Sendo, como já disse, o vinagre proveniente da transformação do alcool em acido acetico, pôde fabricar-se de todos os liquidos que contenham alcool.

Usa-se fabrical-o de fructas, cereaes e substancias doces, do que vou dar rapida noticia. O de fructas faz-se de todos os fructos acidulo-sacharinos taes como amoras, maçãs, groselhas, medronhos, etc.

Emagam-se, deixam-se fermentar, e o liquido vae para a mãe vinagreira ou segue os tramites do vinho se se quer fazer por qualquer processo acelerado.

O de cereaes pôde fazer-se de qualquer qualidade porque todos os cereaes contem alcool, sendo todavia, o melhor o de cevada que toma o nome de vinagre de cerveja. Toma-se o malt (farinha de cevada grelada com que se fabrica a cerveja) que se conserva durante 4 horas em agua a 75° depois do que se decanta ou filtra, passando-o á vinagreira.

O de substancias doces faz-se, segundo indica Ferreira Lapa, deixando fermentar 4 kilos d'assucar, 4 litros de fermento de cerveja, 3 hectolitros de sarro de vinho, com 180 litros d'agua a ferver.

Depois de fermentar filtra-se o liquido, adiciona-se-lhe 12 a 15 litros d'aguardente, deitando-se em seguida na vinagreira.

Ha ainda o d'agua-pé que depois do de vinho é talvez o melhor e que se fabrica lançando a agua-pé na vinagreira.

Como já disse as falsificações são numerosas e algumas prejudiciaes á saude, mas não estudo aqui a forma de as conhecer porque nem isso está ao alcance de todos, nem cabe nos limites d'uma chronica.

O vinagre puro tem um cheiro agradavel, é acido sem embotar os dentes e exposto ao ar, cobre-se de mosquitos.

A peor das falsificações, por nociva á saude, é com acido mineral que embota os dentes. Diz o «Lavrador» que se reconhece facilmente porque uma solução diluida de violeta d'anilina, esverdeia quando se lhe deitam algumas gottas de vinagre falsificado.

É necessario que durante o fabrico, sobretudo usando do processo lento ou do chamado orleanez, e ainda nas vinagreiras já feitas e no proprio vinagre, haja uma vigilancia cuidadosa porque pôde apparecer e quasi sempre apparece um verme que lhe é muito prejudicial.

É a *anguillula* (*anguillula oxophila*) um verme pequenissimo, que tem apenas 1 ou 2 millimetros e que destróe o *mycoderma acetii*.

A *anguillula* precisa d'ar para viver; os fermentos do vinagre, que se multiplicam prodigiosamente formam um véu ao cimo do liquido que priva as *anguillulas* do ar necessario.

É por isso que na chronica anterior indiquei como symptoma d'uma aceticificação regular, o vir uma capa branca adherente a um pau que se mergulhe no vinagre—é o véu dos *mycoderma acetii* ou fermentos do vinagre.

Logo que se veem privadas d'ar, as *anguillulas* pretendem furar esse véu, se o conseguem elle fica em tarrapos, que molhados por o *Uguido* mergulham terminando consequentemente o fabrico do vinagre, se não o conseguem refugiam-se nas paredes da vasilha e sobretudo junto do orificio e na pequena porção de liquido que por capillaridade se conserva por cima do véu formando uma pasta gelatinosa bem perceptivel ao tacto.

É por isto que o fabricante percebe se a operação decorre bem, mergulhando os dedos no liquido, sentindo a camada gelatinosa, tudo vae bem; não a sentindo é necessario recomencar o fabrico em outra vasilha porque n'essa as *anguillulas* venceram e destruíram os fermentos.

Convem então lavar bem a vinagreira, e filtrar o liquido.

No vinagre já feito, faz-se uma collagem com *ichtyocolla* e se tanto for necessario filtra-se em seguida.

É boa pratica cair ameadadas vezes as paredes da casa onde esteja a vinagreira e regar o pavimento com solutos antisepticos podendo para isso servir o sulphato de cobre.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Fizeram annos: No dia 19 o sr. Frederico dos Santos Lima.

É hontem a sr.^a D. Julia Elise Dias de Lima e o nosso particular amigo e dedicado correligionario Manoel Gomes Pinto.

Fazem tambem annos: Hoje o sr. Manoel Gomes D'as. Amanhã, 29, o sr. dr. João Maria Lopes.

É no dia 31 a sr.^a D. Maria Amelia d'Araujo Cardoso, extremosa esposa do recebedor d'este concelho, sr. Antonio Valente Compadre.

As nossas felicitações.

—No Pará deu á luz no dia 23 de setembro uma creança do sexo masculino a esposa do nosso patriocio sr. Francisco Lopes da Silva, activo commerciante n'aquella cidade.

A creancinha recebeu o nome de Acrio.

—Tambem deu á luz na penultima semana um robusto menino a esposa do sr. Antonio Maria Valente Pereira Rosas, habil artista d'esta villa.

Parabens.

—Regressou de Coimbra, por incommodo de saude, o segundalista de direito Antonio Santhiago, a quem desejamos as melhoras.

—Partiu para a Madeira, onde vae passar a quadra de inverno o sr. Antonio Soares Balreira.

—Regressou do Furadouro com sua familia o sr. Antonio Maria Gonçalves Santhiago.

—Partiu na semana passada para o Pará o sr. José Correia de Pinho.

Feliz viagem e prosperidades.

Enlace

Na igreja parochial d'esta villa celebrou-se no preterito dia 21 do corrente o enlace matrimonial do nosso presado amigo Fernando Arthur Pereira com a sr.^a D. Adalina d'Oliveira Mello, extremecida filha do nosso querido correligionario sr. Antonio d'Oliveira Mello.

A cerimonia, que revestiu um caracter intimo, assistiram somente pessoas de familia e de estreitas relações de amizade dos noivos. Em seguida foi servido um delicioso copo d'agua em casa dos paes da noiva. Os noivos partiram á tarde em digressão de nupcias para o Bussaco, Lisboa e outras terras do sul.

Esta união, oriunda de antigos e bem comprehendidos affectos, sempre alimentados pela reciproca comunhão de dedicações sinceras e desinteressadas, é por todos os titulos auspiciosa para os sympathicos conjuges, além que a noiva é uma senhora de fina educação e dotada de apreciaveis qualidades de coração.

Sobre o noivo, um bello rapaz, administrador zeloso d'este semanario, por ser cá da casa não nos adeantamos em considerações sobre o seu caracter, porque todos o conhecem e por isso os estranhos que o julguem.

Mui sinceramente appetecemos aos noivos um venturoso e sorridente porvir, como são dignos.

Aggressão

Uma aggressão grave se praticou na noite de sabbado para domingo no logar de Cimo de Villa, depois d'uma esfolhada a que—ridicula innovação!—assistiu a banda dos Bombeiros Voluntarios.

Devido a umas rixas atrazadas, a que não são estranhos o ciume ou despeite, um grupo de rapazes de Cimo de Villa cairam a fundo de embuscada sobre dois rapazes do Sobral, deixando-os em lastimoso estado. Um d'estes, conhecido pelo alcunha de Palhas está gravissimamente offendido, inspirando serios cuidados a sua vida. Os ferimentos do outro offendido são importantes, mas com menor gravidade que os d'aquelle.

Os aggressores, cujos nomes não podemos apurar, são comtudo conhecidos e não obstante a gravidade das offensas elles continuam em plena liberdade.

É a auctoridade administrativa, parecendo mais uma protectora de criminosos do que uma entidade a quem incumbe o dever de velar pela garantia dos cidadãos, houve por bem manietar-se sobremodo, d'antemão concededora do conflicto, para no estado lethargico derivante das suas faueções... concorrer para, consuetudinariamente, agravar a situação d'anemia administrativa.

Haja por bem, sr. administrador, que conflictos não baptisados mas sim chrimados adjuncto de sua porta, tenham uma viabilidade mais consentanea com a vida dos seus administrados do que, por ora, voz corrente,—suspeição—a sociedade d'Ovar, sobremaneira, lh'a impute como concededor prévio, podendo-a obviar dentro dos seus limites d'acção.

Oxalá que nós, vareiros, nunca possamos vir notificar á auctoridade administrativa os seus deveres strictos e moraes que são incontrroversamente o phanal das nossas administrações cacicaes...

Mizericórdia d'Ovar Subscrição

Importancia subscripta. 8:680\$480
Antonio Ferreira Dias,
residente em Itu (S.
Paulo) 5\$680
8:686\$160

Noticias do Furadouro

No passado domingo tocou na praia do Furadouro das 4 ás 8 horas da noite a philarmonica Ovarense. Apesar de uma ventania desabrida e glacial, ainda assim a concorrencia foi muito regular.

—O mar continua agitado, não tendo havido por essa razão trabalho de pesca.

Audiencias geraes

Em audiencias geraes são julgados no dia 25 do corrente os réos Camillo Teixeira e Arthur José Ferreira Rodrigues o «Cuca», pelo crime de tentativa de roubo na igreja matriz d'esta villa; e no dia 5 de novembro o réo Feliciano dos Santos, o «Nabiça», por furto.

É advogado officioso dos réos o sr. dr. José Antonio d'Almeida.

BARCOS AUTOMOVEIS

Construcção perfeita de barcos automoveis de 12 a 40 pés de comprimento, força de 2 a 100 cavallos e com a velocidade de 6 a 23 milhas á hora.

Fabrico e velocidade garantidas. Ha 100 modelos desenhados para escolher.

Fabricam-se helices fixos e *mobiles* para todos os systemas de motores. Fazem-se reparações em toda a classe de motores e barcos.

Os motores que applicamos nos nossos barcos são de fabrico americano de 2 e 4 *temps*, segundo o desejo do cliente.

Tambem se formam barcos a vapor sendo os cascos cá feitos e as machinas importadas, e bem assim barcos de 16 pés de comprimento por 5 de largo. Motor de 6 a 8 H P com a deslocação de 6 a 8 milhas á hora. Preço 250\$000 réis.

Indicações e orçamentos a quem os pedir.

LIBORIO & MAGINA
Estarreja—Avanca

INDICAÇÕES PARA TODOS

Commercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 4\$980 a 5\$050 réis.
Valor da libra, papel, de 4\$960 a 5\$000 réis.
No Brazil: cambio—15 1/4—/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.
Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 1/4—4\$980 réis.
Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 31\$650 réis, moeda portuguesa.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.^a qualidade, 15 kilos. 1\$400 réis
> 2.^a > 15 > 1\$350 >

BAIRRADA

> 1.^a qual., 15 kilos. 1\$300 >
> 2.^a > 15 > 1\$250 >
> 3.^a > 15 > 1\$200 >

Batatas, 15 kilos 400 >
Centeio 20 litros 740 >

Fava, 20 litros 750 >
Farinha de milho, 20 litros . 840 >

> trigo, 1.^a qual. kilo. 103 >
> 2.^a > > 93 >

> cabecinha 62 >
> semente superfin. > 40 >

> grossa 38 >
Feijão vermelho, 20 litros . 1\$280 >

> branco, 20 > . 1\$220 >
> mistura, 20 > . 960 >

Milho branco, 20 > . 800 >
> amarello, 20 > . 700 >

Ovos, duzia 140 >
Tremoço, 20 litros. 380 >

Azeite, 1.^a qual. litro. 300 >
> 2.^a > > 270 >

> 3.^a > > 260 >
Alcool puro, 26 litros. 6\$500 >

Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$380 >
> bagaceira, 26 litros. 2\$730 >

> figo, 26 litros 1\$950 >
Geropiga fina, 26 litros . . . 2\$080 >

> baixa, 26 > 1\$430 >
Vinho tinto, 26 litros. 750 >

> branco, 26 > 900 >
> verde, 26 > 900 >

Vinagre tinto, 26 > 700 >
> branco, 26 > 900 >

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança — Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:306\$010 réis

Companha do Socorro — Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:012\$520 >

Companha S. José — Rendimento de janeiro a maio de 1909 1:588\$510 >

Companha S. Pedro — Rendimento de janeiro a maio de 1909 681\$990 >

Companha S. Luiz — Rendimento de janeiro a dezembro de 1908 7:388\$835 >

NOS CAMPOS

Rendimento de

Matadouro

No mez de
Rezes abatidas para o consumo:
.... Bois, com o pezo de . . . kilos
.... Vitelas, > > >
.... Porcos, > > >

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6.23 da manhã e 6.23 da tarde e para o Sul pelo das 7.52 da manhã e 10.13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. . . 25 réis.

idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção para Hespanha. . . 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr. cada 50 gr. ou fracção. . . 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2000 gr. cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis
Cada 50 gr. mais ou fracção 5 >
Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis
> cada 20 gr. ou fracção . 30 >

Bilhetes postaes: cada 20 >
Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado— Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.— Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Linite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.— Possesões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10

> 10\$001 > > 50\$000 > . 20

> 50\$001 > > 100\$000 > . 30

> 100\$001 > > 250\$000 > . 50

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 50

Valor não conhecido ou declarado. 500

Cheques ao portador 20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

> 20\$001 > > 50\$000 > . 50

> 50\$001 > > 250\$000 > . 100

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 100

A mais de 8 dias de praso

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

> 20\$001 > > 40\$000 > . 40

> 40\$001 > > 60\$000 > . 60

> 60\$001 > > 80\$000 > . 80

> 80\$001 > > 100\$000 > . 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

> 20\$001 > > 100\$000 > . 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios
Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. 5 >

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta. 6 >

Bairro d'Arruella até á Poça. 7 >

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. 8

Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral 9 >

Estação e Pellames. 10 >

João—Cima de Villa e logares visinhos. 11 Badaladas
Ribeira. 12 >
Assões—Granja e Guilho-vae. 13 >
Furadouro. 14 >
Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins.
Antonio da Silva Brandão Junior.
Carrelhas & Filho, Successor.
Manoel Ferreira Dias.
Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespagnol»

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo, Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.^a, Moagem de Cereaes—Soares Pinto & C.^a, Limitada
Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.^a

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro» — Rua de St.^a Anna, «Central» — Rua da Praça, «Cerveira» — Furadouro, «Jeronymo» — Largo do Chafariz, «Nunes Lopes» — Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas

João Alves — Praça, João Costa — Praça, José Garrido — Rua dos Campos.

Mercearias

Abilio José da Silva—Ponte Nova Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira — Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.^a, Salvador & Irmão.

Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO
DESDE 15 DE MAIO

Comboys	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	1,55	2,45	3,26	5	5,10	5,58	8,45
Espinho	6,20	7,27	8	9,29	10,49	2,55	3,40	4,24	5,39	6,15	7,1	9,55
Esmoriz	6,36	7,35	8,16	—	11,2	3,11	—	4,39	—	6,31	7,18	10,4
Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7	3,17	—	4,45	—	6,37	7,24	—
Carvalh. ra	6,48	—	8,28	—	11,11	3,23	—	4,52	—	6,43	7,31	—
OVAR	6,58	7,50	8,38	—	11,22	3,33	3,59	5,2	—	6,53	7,42	10,24
Vallega	—	7,56	—	—	11,29	—	—	—	—	—	7,49	—
Avanca	—	8,1	—	—	11,35	—	—	—	—	—	7,56	—
Aveiro	—	8,37	—	10,5	12,16	—	4,40	—	6,14	—	8,37	11,10

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Comboys	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr	Rap.	Om.
Aveiro	3,54	5,44	—	—	11,3	2,5	—	—	5,34	—	9,56	10,29
Avanca	4,37	—	—	—	11,42	—	—	—	6,12	—	—	—
Vallega	4,48	—	—	—	11,48	—	—	—	6,17	—	—	—
OVAR	4,51	6,24	7,20	10,20	11,57	—	4,8	5,85	6,27	7,25	—	11,12
Carvalh. ra	5,2	—	7,31	10,31	12,8	—	4,19	5,46	—	7,36	—	—
Cortegaça	5,7	—	7,36	10,36	12,13	—	4,24	5,51	—	7,41	—	—
Esmoriz	5,13	6,38	7,42	10,42	12,18	—	4,30	5,57	6,42	7,47	—	11,36
Espinho	5,30	6,47	7,59	10,59	12,34	2,39	4,47	6,14	6,55	8,4	10,35	11,36
S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,58	1,47	3,18	5,50	7,15	8,1	9,4	11,16	12,24